

## Poesia no teatro de Ésquilo

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Poesia no teatro de Ésquilo", *Colóquio/Letras*, n.º 166/167, Jan. 2004, p. 49-53.

## POESIA NO TEATRO DE ÉSQUILO

**P**ROMETI quealaria hoje a respeito de Ésquilo. E sinto-me aterrado diante da necessidade de cumprir a promessa. Ésquilo, visto de certos ângulos, ainda infunde mais religioso temor que o próprio Homero. É que, no seu caso, não temos dúvidas de que se trata de um criador individual, de um poeta realmente singular, de um *único* homem — que soube trazer à superfície o que há de mais profundo em todos os homens. Da sua vasta obra, constituída por cerca de oitenta tragédias, apenas sete chegaram até nós. Arre pia só de pensar no imenso tesouro das restantes que se perderam. Victor Hugo escreveu um dia, acerca de Ésquilo, que «se tivéssemos toda a sua obra, seria uma espécie de Bíblia grega...»; e acrescentou: «Ésquilo é o mistério antigo feito homem, qualquer coisa como um profeta pagão.» Já por aqui se entenderá que não é nada fácil falar de um gigante como ele...

Deve ter nascido por volta do ano 525 antes de Cristo e veio a morrer, provavelmente, em 456. Combateu contra os Persas nas batalhas de Maratona e de Salamina — e, segundo parece, foram apenas estes feitos que ele desejou que ficassem referidos no seu túmulo. A posteridade, no entanto, valorizaria, sobretudo, a sua obra de poeta trágico. Mas essa obra não deixa aliás de reflectir a sua própria experiência de soldado — em particular na tragédia *Os Persas*, cujas personagens nos chegam a parecer bem mais numerosas do que são na realidade e cujo principal interesse (como já acontecera na *Iliáda*) reside no facto de os vencidos aparecerem em toda a sua humanidade, numa espécie de convite à moderação dos próprios vencedores... Não é esta, apesar de tudo, a mais antiga das sete tragédias de Ésquilo que se conservaram: anterior a ela, com toda a certeza, é a tragédia *As Suplicantes*. Todavia, nas cinco posteriores a *Os Persas* é que se encontram as obras-primas do teatro esquiliniano.

Mesmo assim, dessas cinco, falaremos apenas de quatro (e muito rapidamente, como não pode deixar de ser): o *Prometeu Agrilboado* e a trilogia *Oréstia*, constituída pelas tragédias *Agamémnon*, *Coéforas* e *Euménides*.

É bastante conhecido o argumento do *Prometeu Agrilboado*. Trata-se, como decerto muitos se recordarão, da história desse titã chamado Prometeu — praticamente, um deus, pelos poderes de que dispunha — mas de tal maneira afeiçoado à humanidade que para ela vai roubar o fogo — de que só os deuses

tinham o privilégio — a fim de com ele beneficiar também os próprios homens. Em consequência disto, Zeus — que é então um deus jovem (isto passa-se pouco depois do lendário começo do mundo) — ordena que o amarrem a uma alta montanha e aí o deixem, com pesados grilhões, a expiar o seu «crime». Ergue-se então a voz de Prometeu — mais em tom de protesto que de lamento (a poesia de protesto já vem de muito longe...) e tanto para acusar os deuses do injusto castigo a que o condenaram como para exprimir a dor do exílio em que se encontra. Vejamos esse belo trecho, numa excelente e inspiradíssima tradução em verso de Eduardo Scarlatti:

*Éter divino! Asa veloz do vento!  
Fontes dos rios! Ob gargalhar constante,  
em rugas de ondas do infindável mar!  
Ob terra mãe! E tu, bendito olbar  
que tudo vês — ob Sol! À minha instante  
invocação, olbai o sofrimento  
a um deus imposto — , e mais:  
por seus iguais!*

*E contemplai a imensa afronta  
que me espedaça o ser,  
e hei-de sofrer  
dias sem conta,  
anos sem fim.  
Eis os grilhões forjados  
na infâmia contra mim,  
pelo jovem senhor  
dos bem-aventurados...  
Ab! como esta minha dor,  
e a que hei-de suportar,  
me fazem soluçar:  
pois quanto tempo, ainda,  
hei-de penar, antes da pena finda?!*

Mais adiante, orgulhosamente, evoca mesmo, sem sombra de remorso, o serviço inestimável que soube prestar aos homens — e que os deuses se obstinam em considerar um delito:

*Era o divino fogo! qual semente  
da luz, que trouxe, então, à humanidade,  
todo o saber das artes — refulgente*

*e celestial tesouro. E, na verdade,  
o meu delito aos deuses pago, e expio,  
sobre esta rocha — ao vento, à chuva, ao frio.*

Mas não quero alongar-me mais sobre este assunto, para não retirar — a quem quiser ler a obra — o prazer de descobri-la por si próprio. Ao contrário do que acontece com outras obras da poesia grega — de que não existe, actualmente, nenhuma edição completa, em português, ao alcance de todos, como foi oportunamente lembrado por um crítico de televisão —, do *Prometeu Agrilhoado* não será difícil obterem-se versões acessíveis e dignas de confiança. Lembrarei apenas, na recente colecção O Grande Teatro do Mundo, dirigida pelo Professor Paulo Quintela, uma recente tradução, que me parece exemplarmente escrupulosa, assinada por Ana Paula Q. Sottomayor; e, em edição da Livraria Luso-Espanhola, uma saborosa tradução em verso — que foi aquela de que nos socorremos —, feita por Eduardo Scarlatti. A autora da primeira dessas traduções, num prefácio muito conciso — que será da maior utilidade para quem pretenda abordar a obra —, observa que «Ésquilo, ao servir-se do mito de Prometeu, quis, uma vez mais, mostrar que até os deuses devem ser moderados, sem nunca ultrapassarem as limitações do seu poder»; e, depois de apontar o conflito essencial entre Zeus e Prometeu, sublinha este outro ponto fundamental: «Para que estas duas forças em tensão se reconciliem, é necessário que ambas entrem na ordem cósmica que perturbaram.» E é claro que o gesto de Prometeu — a sua audácia, a sua revolta, o seu protesto — pode ser (e tem-no sido, ao longo da História) interpretado de maneiras muito diferentes — e, ainda hoje, de maneiras muitíssimo actuais.

No que respeita à trilogia da *Oréstia* — ou *Oresteia* (conjunto de três peças em que Orestes desempenha o papel central) — somos transportados a uma época imediatamente posterior à guerra de Tróia.

Um dos chefes aqueus — Agamémnon, da família dos Atridas (a quem já aludimos quando falámos na *Iliada*) —, ao regressar a Micenas, é assassinado pela mulher, Clitemnestra, de cumplicidade com Egisto, a quem ela entretanto se ligara. Tal é o tema da primeira tragédia da trilogia, precisamente intitulada *Agamémnon*. Trata-se de uma obra prodigiosa, pela sugestão do funesto ambiente de presságio, pela solenidade das palavras do coro, pela soberba criação de uma das mais densas figuras de toda a história do teatro (melhor: de toda a história da literatura) — essa voluntariosa e arrogante Clitemnestra, que domina toda a peça, desde o princípio até ao fim.

Na segunda tragédia — *Coéforas* —, assistimos à execução, lentamente preparada por Orestes, filho de Clitemnestra e de Agamémnon, da vingança da morte do pai. Mas, aqui, é ainda outra figura feminina — a da irmã de Orestes, Electra — a que verdadeiramente se impõe: é ela, com efeito, quem implacavelmente

conduz o irmão até ao assassínio da própria mãe e do padrasto — Egisto — que lhes usurpara o lugar do pai. Por fim, na terceira peça — *Euménides* —, Orestes é perseguido por um grupo de Fúrias — as Eríneas — que são na realidade a personificação dos seus próprios remorsos e que procuram destruí-lo, vingando assim o matricídio que ele tinha cometido. Semelhante propósito apenas é evitado pela directa intervenção do deus Apolo, que consegue ilibá-lo de toda a culpa. É que Orestes sofrera já o suficiente com a perseguição dessas cruéis Eríneas, que o tinham conduzido ao desespero e por pouco o não tinham despedaçado. Além disso, para o luminoso espírito de Apolo, o problema colocava-se claramente nestes termos: a vingança apenas traz consigo mais vingança, a violência somente engendra mais violência — e ai dos conflitos humanos em que a tempo não intervém a luz esclarecedora da razão! Esta é, sem dúvida, uma das mais nobres lições do teatro de Ésquilo. O mundo contemporâneo, em inúmeros aspectos, muito terá a aprender com o velho mestre.

Na impossibilidade de apresentar exemplos mais numerosos, evocaremos agora, a terminar, como lembrança do teatro de Ésquilo — e do seu incomparável poder de criação poética nos domínios da linguagem teatral — algumas palavras de Electra, no começo das *Coéforas*, quando ela sonha apenas com a vingança da morte do pai, sem que ainda tenha encontrado, em seu irmão Orestes, o instrumento dessa vingança...

*Enviada pelos senhores deste palácio, trago libações;  
e bato no peito repetidas vezes;  
e as minbas faces escorrem sangue dos sulcos que as unhas aí rasgam!*

*Meu coração só de lamentos se alimenta.  
Estes tecidos rasgados,  
estes véus em farrapos sobre o meu seio desnudo,  
anunciam o sofrimento e o triste infortúnio.  
O Terror,  
com os cabelos eriçados,  
filho profético dos sonhos,  
anunciando a vingança no meio do sono,  
entrou no aposento das mulheres,  
ao fundo deste palácio,  
e quebrou o silêncio da noite com o seu grito.*

*Os áugures têm afirmado,  
por parte dos deuses,  
que os Manes em cólera  
erguer-se-iam contra os seus assassinos...*

Ó terra, ó terra,  
é para afastar estas ameaças que uma viúva,  
uma viúva ímpia te envia esta oferenda!  
Oferenda demasiado inútil!  
Como resgatar o sangue que ela verteu?  
Ó lar infeliz!... deplorável habitação!  
Mais sol para ti!  
Desde a morte do meu senhor envolvem-te odiosas trevas.

Já não existe aquele soberano poderoso, invencível,  
cuja majestade submetia todos os corações.  
O temor reina hoje ali.  
Todo aquele que é feliz é um deus,  
e mais que um deus para os mortais.  
Mas a justiça visita sempre os culpados.  
Ela fustiga-os,  
quer em pleno dia, quer um pouco mais tarde,  
à luz do crepúsculo ou na obscuridade da noite.

A terra fecunda bebeu o sangue;  
a morte vingadora germinou;  
e terá de desabrochar.  
O crime, para o seu autor,  
é a fonte dos males mais cruéis;  
não há perdão para quem profana  
o santuário do himeneu.

Ainda que se reunissem todos os rios do universo,  
eles não poderiam lavar um odioso parricídio.  
Eu, a quem os deuses envolveram na ruína da minha pátria,  
a quem arrebataram a casa paterna e reduziram à escravidão,  
recalcando-me no coração o ódio amargo,  
vejo-me obrigada a acatar as ordens, justas ou injustas,  
do imperioso tirano que hoje dispõe da minha vida.  
Mas, secretamente,  
devorando os meus suspiros,  
choro o triste destino do meu rei...